



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 -

APRENDER A VER O SOM: UMA ANÁLISE FILOSÓFICA DO APRENDIZADO DA LÍNGUA DE SINAIS

ANCHIETA, Ester Vitória Basilio;¹
GUIMARÃES, Bias Busquet (UFF)²;
RIBEIRO, Renato Quintanilha (UFF)³;
SOARES, Gabriella dos Santos (UFF)⁴

RESUMO: O presente artigo procura demonstrar através de uma análise principalmente filosófica alguns pontos fundamentais do processo de aprendizado dos sinais na entrada ao mundo do surdo. Nesse meio, busca apontar porque durante a aprendizagem da linguagem de sinais se apresentam dificuldades no entendimento, buscando-se as formas “primitivas” do aprendizado pertinentes ao aprendizado de qualquer linguagem oral. Através de uma abordagem filosófica também busca alcançar uma análise da aprendizagem e do uso no processo de consolidação dessa língua, para isso utilizar tanto a tradição filosófica referencialista da linguagem, com enfoque na busca pelo sentido e apresentação da referência, na medida os nomes ou sinais se conectam as coisas e como essa ideia de um signo possuir um referente contribui e ao mesmo tempo atrapalha o ensino da língua de sinais, quanto mostrar na filosofia de Wittgenstein como os jogos de linguagem contribuem para se compreender como o uso dos signos por parte de uma comunidade linguística, no caso a comunidade que se utiliza da língua de sinais, validados como tal.

¹ Professora de Libras na Universidade Federal Fluminense, orientadora do presente trabalho. (estervbasilio@gmail.com)

² Graduando em Filosofia pela UFF (biasbusquetguimaraes@id.uff.br).

³ Graduando em Filosofia pela UFF (rquintanilharibeiro@gmail.com).

⁴ Graduanda em Antropologia pela UFF (gabrielladssoares@gmail.com).



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

ABSTRACT: This article seeks to demonstrate through a mainly philosophical analysis some fundamental points of the process of learning the signs at the entrance to the world of the deaf. In this context, it seeks to point out that during the learning of sign language there are difficulties of understanding, often seeking the "primitive" forms of learning pertinent to learning any oral language. Through a philosophical approach to an analysis of learning and use in the process of consolidation of that language, to do so use both the philosophical referentialist tradition of language, focusing on the search for meaning and presentation of the reference, to what extent the names or signs are Connect things and how this idea of a sign has a referent contributes and at the same time disrupts the teaching of sign language, as we show in Wittgenstein's philosophy how language games contribute to understand how the use of signs by a community Linguistic, in the case the community that uses sign language, validates them as such.

Palavras-chave: Aprendizado. Surdos. Jogo de linguagem. Língua de sinais.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

INTRODUÇÃO

Feche os olhos e imagine-se no meio de uma cidade grande. O barulho da roda dos carros no asfalto, o burburinho das pessoas conversando na rua, um barulho agudo não claramente identificado, uma buzina de carro ao longe, vendedores gritando seus produtos, trabalhadores numa construção, uma música tocando bem baixinho e o barulho dos pombos voando de repente. Agora imagine que você pode ver tudo o que foi descrito, mas sem um único som. Assim como a descrição que acabo de realizar transcrevendo estímulos auditivos em palavras, pode-se perceber a Língua Brasileira de Sinais para um surdo pela cosmologia de um ouvinte. Um referente criado visualmente em sua mente substituindo um som com a intenção de fornecer o sentido dentro da comunicação.

Embora a língua de sinais claramente não funcione da mesma forma que a descrição narrativa, ela é um método de compreensão de uma comunicação que outrora seria oral. Apesar dessa descrição é incoerente entender a língua de sinais apenas como um sistema de substituição de sons e recriação de referentes visuais, é um sistema muito mais complexo, dotada de uma estrutura analítica e coerente tal que é conhecido oficialmente como uma língua oficial nacional.

É importante esse ponto de partida ser devidamente compreendido para que o assunto discutido no presente artigo se faça assimilável ao leitor, nosso objetivo é através de uma abordagem metodológica demonstrar como o processo de aprendizagem e uso da língua de sinais para ouvintes pode ser compreendida ou impossibilitada por estímulos ou referências previamente interiorizadas por esse indivíduo.

A linguagem possibilita ao homem a interação de uns indivíduos com os outros, a preservação de sua cultura, a possibilidade de fazer política, o seu desenvolvimento social, a sua filosofia. De forma simples de se entender podemos dizer que sem linguagem não há comunicação, sem comunicação não há interação, sem interação



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

nenhuma sociedade sobrevive, sem linguagem não há história a ser contada e assim a cultura morre. Por isso a linguagem sempre foi um tema importante para filosofia desde de antiguidade com os filósofos Platão e Aristóteles que já abordavam a importante temática em suas filosofias até a contemporaneidade com filósofos como Frege, Russel e Wittgenstein, filósofos da linguagem.

Para Aristóteles, os surdos não possuíam linguagem e assim não poderiam pensar (apud UFF, p. 11). Já o filósofo Platão, possuía uma outra visão em relação aos surdos, em seu diálogo Crátilo, fala diretamente dos surdos e de sua possibilidade de comunicação através dos sinais em uma passagem (422e) do diálogo de Sócrates com seu discípulo Hermógenes.

Durante muito tempo as pessoas que possuíam deficiência auditiva não conseguiam se inserir na sociedade como os demais cidadãos, pois como não conseguiam se comunicar da mesma forma que os outros, ou seja, de forma sonora, fonética, por isso acreditava-se que esses indivíduos possuíssem também um déficit cognitivos uma vez que sua escolarização acontecia de forma tardia em relação aos demais ou até mesmo não ocorriam. Felizmente os direitos dos surdos avançaram muito com o passar dos séculos, porém sua liberdade de expressão permanece ainda muito difícil.

Em várias partes do mundo muitos estudiosos como Fray de Melchor Yebra, Juan Pablo Bonet, John Wallis, Konrah Amman, tentaram contribuir para modificar esse cenário desenvolvendo alguns métodos que permitissem aos surdos se expressarem. A datilologia (soletração do alfabeto manual) como uma espécie de tradução da língua oral, o ensino da escrita no mesmo idioma usado oralmente, leitura labial onde os deficientes que precisavam se fazer entender e compreenderem através da leitura labial da linguagem usada pelos falantes.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

Havia uma corrente de estudiosos, como Jhon Bulwer, que defendia a língua de gestos como fundamental para a educação dos surdos. Jhon era médico e observando a comunicação gestual entre surdos percebeu que ela ocorria da mesma forma que ocorre com os ouvintes e que os surdos, embora nessa condição, não possuíam nenhum déficit cognitivo.

Embora hoje seja para todos nós claro que surdez não é sinal de déficit cognitivo, essa evidenciação foi muito importante para que novos métodos fossem elaborados, Samuel Heinicke fundou a primeira escola de oralismo puro, que consistia em dar ao surdo uma identidade de ouvinte, onde o surdo aprendia a escrever e ler a língua oral.

Depois que se compreendeu que os surdos eram capacitados intelectualmente outros progressos foram alcançados. O educador Francês Abade Charles Michel de L' Epée, após observar o uso de sinais por duas irmãs, fez um estudo mais profundo sobre o uso de sinais como meio de comunicação e posteriormente criou a primeira escola pública para surdos o “Instituto para jovens surdos e mudos de Paris”. L' Epée era contra o processo de oralização dos surdos e defendia que a língua para eles era a língua sinalizada.

Hoje, depois de se tentar oralizar os surdos, já existem diversas línguas de sinais, da mesma forma que cada país possui sua língua oral cada país também possui sua língua de sinais. A língua de sinais é uma linguagem usada para a comunicação de portadores de deficiências auditivas para que possa haver uma interação dessas pessoas com o restante da sociedade e garantir sua inserção social.

Apesar de haver grandes dificuldades ainda na relação e inserção do surdo no mundo atual, felizmente um grande passo foi dado, a língua de sinais no Brasil, Libras, que é de origem francesa, é reconhecida como a segunda língua oficial em nosso país pela lei 10.436/2002. Contudo é preciso compreender que uma língua não passa a ser



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

oficial apenas com uma lei, é necessário que toda uma comunidade linguística a legitime através de seu uso. Como qualquer outra língua oral, a língua de sinais também pode se submeter a análise da filosofia da linguagem no que diz respeito ao seu aprendizado, e ao seu uso, tanto por parte dos surdos como por parte dos falantes.

Por isso buscamos na filosofia de Wittgenstein, com seus jogos de linguagem, abordar questões de certas noções que são muito necessárias para um novo aprendiz ouvinte seja integrado naquele novo mundo outrora ininteligível a ele, como é possível o aprendizado da linguagem e como o uso desses sinais se consolidam, onde os significados destes são validados através dos usos que fazemos deles. Aprender a linguagem é aprender seus jogos em suas diversas camadas, da mais primitiva a mais complexa, consciente dos seus limites e de suas normatividades.

O presente artigo portanto ao analisar o aprendizado da linguagem divide-se em duas partes, a primeira, como vimos, trata da filosofia analítica de Frege e Russel, que ao analisar a linguagem o fazem através da língua, a procura de uma forma lógica e uma explicação para o uso dos signos baseados em um atomismo lógico, e por vezes língua e linguagem são tratados como sinônimos. A segunda parte do Artigo, ao abordarmos os jogos de linguagem de Wittgenstein há uma separação clara entre língua e linguagem, onde a língua é só uma dentre outras formas de comunicação, ela é uma espécie de ferramenta para aquele que faz uso da linguagem.

A FILOSOFIA ANALÍTICA DA LINGUAGEM

A Filosofia da Linguagem possui, de uma forma geral, duas acepções principais; na mais estrita é o resultado de uma investigação filosófica acerca da natureza e do funcionamento da linguagem. O mesmo se dá quando ela investiga questões da natureza



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

do significado de nossas expressões linguísticas, de como somos capazes de nos referir as coisas através da linguagem.

Na acepção mais ampla diz respeito a abordagem crítica de problemas filosóficos.

Tanto no sentido mais estrito como no mais amplo, há duas espécies de filosofia da linguagem. A filosofia da linguagem ideal e a filosofia da linguagem ordinária.

A filosofia da linguagem ideal é influenciada pela lógica simbólica desenvolvida a partir de Frege, principalmente pelos cálculos de predicado com o objetivo de revelar uma verdadeira estrutura lógica por trás da linguagem natural.

A linguagem ordinária toma como modelo a linguagem do cotidiano tentando investigar sua estrutura funcional. Um exemplo muito simples são os sentidos do verbo “ser”. Na linguagem do cotidiano existem dois sentidos principais: o primeiro é o sentido predicativo. O segundo é o de identidade.

Frege, que também era matemático percebeu que alguns problemas de enunciações matemáticas se estendem até a linguagem em geral.

Na linguagem as sentenças “Aristóteles e Aristóteles” e “Aristóteles e o tutor de Alexandre” tem o mesmo referente – o filósofo Aristóteles – porém sentidos diferentes, pois uma é tautológica e a outra acrescenta uma informação.

Frege ao investigar formalmente os fundamentos da aritmética e a tentar reduzi-la a lógica, ele inicia as discussões contemporâneas em filosofia da linguagem ideal. Sua principal contribuição a filosofia da linguagem foi a criação da teoria do significado que ele expôs no artigo sobre Sentido e Referência.

A teoria baseia-se na distinção entre o significado, que ele usava a palavra sentido, e a significação, que ele chamava de Referência. Essa distinção tem como ponto de partida uma dificuldade encontrada na interpretação de frases de identidade do tipo “A = B” – frases desse tipo são da matemática tipo “ $7 + 9 = 16$ ” – frases desse tipo



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

também ocorrem na linguagem empírica. As características dessas frases são que os nomes (Aristóteles) ou expressões nominais (O tutor de Alexandre) referem-se a uma mesma coisa.

Frege supõe que a identidade é uma relação e encontra duas possibilidades; uma que se trata de uma relação de identidade entre objetos; outra que se trata de uma relação de identidade entre nomes de objetos.

No caso 1, “ $A = B$ ” seriam equivalentes a frases “ $A = A$ ”, frases que afirmam identidade consigo mesmo, mas isso não pode o caso, pois a “Estrela da manhã” e a “Estrela da tarde” não é sinônima da frase “A estrela da manhã é estrela da manhã”. A primeira frase comunica uma informação, enquanto a segunda frase não possui nenhum conteúdo informativo.

No caso 2, a relação de identidade entre os nomes do objeto é entendida como uma relação entre sinais idênticos com formas diferentes como na relação “ $a = A$ ”. Nesse caso a frase “ $a = b$ ” diria apenas que temos o mesmo objeto com diferentes nomenclaturas, não explicaria como uma frase “ $a = b$ ” e capaz de vincular uma informação. Esse argumento é para mostrar que para explicar porque as frases de identidade possam ser informativas necessitam de um terceiro elemento, que não é o objeto nem o sinal, é o sentido, modo de apresentação do objeto.

Essa diferença dos modos de se dar de um mesmo objeto, entre o que queremos dizer com cada sinal é o que torna a frase informativa. Frege não aplicou a distinção entre sentido e referência só a nomes, ele estendeu essa distinção a outros constituintes fundamentais da linguagem: os predicados e as frases.

Assim também funcionaria a coligação entre os gestos dentro do sistema de Língua de sinais e a frase enunciada, especialmente os sinais ditos como icônicos.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

Para Frege, o sentido de uma frase é aquilo que se modifica quando parte das frases são substituídas por outras com outro sentido, embora com a mesma referência. A sugestão de Frege é que o sentido da frase é o pensamento que ela expressa.

Fizemos essa exposição da filosofia de Frege para podermos compreender de que forma o sentido de um gesto usado pela língua de sinais também pode ser entendido como sendo o pensamento que ele expressa.

Russel concentra seus estudos sobre a natureza do significado no exame das proposições, tomando como proposição a penas pensamentos que podem ser expressos na forma de sentença declarativa com valor de verdade, cuja finalidade é descrever fatos ou designar objetos.

Russel propõe o atomismo lógico, onde todas as sentenças da linguagem quando analisadas revelar-se-iam como constituídas de signos atômicos referentes a realidade. O procedimento de análise nos conduziria aos fatos atômicos, como por exemplo a sentença “isso é branco”.

O atomismo lógico de Russel defendeu uma concepção de significado diferente de Frege. Para Russel o significado de um nome é aquilo a que ele se refere, por exemplo, o significado da palavra “vermelho” e a percepção que se dá como sendo vermelho, razão pela qual um cego de nascença não pode saber o seu significado. Para Russel, os verdadeiros nomes apontam para os objetos com os quais temos familiaridade, porém isso nos traz um problema: se o objeto não existe seu significado não pode ser dado por familiaridade. Palavras como Homero e Pégasos mesmo sendo entidades mitológicas não deixam de ter significado.

A teoria das descrições oferece uma solução para dificuldades como esta, aplicando a nomes próprios como Pégasos e Homero como não sendo realmente nomes. Pégasos seria “o cavalo alado de Belerofontes” e Homero “o autor da Ilíada e Odisseia”, assim a pessoa está dizendo que a descrição de algo é verdadeira. Para Russel nomes



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

próprios como Bismarck também podem ser o “o primeiro chanceler no Império Germânico”, e essa descrição não fornece uma análise completa do significado. A palavra “germânico” também significa várias coisas. Ela pode recordar um conjunto de *sense-datum* experimentados numa viagem ou a aparência da Alemanha numa carta geográfica.

Russel nega que os nomes próprios e as descrições de nossa linguagem ordinária sejam capazes de designar algo simples. Um nome real não pode ter qualquer conteúdo descritivo. Ele pode ser um pronome demonstrativo como isso ou aquilo, acompanhado por um gesto com o qual o falante aponta no momento que fala.

A ideia de que os nomes apontam para objetos assim como imaginamos muitas vezes que gestos da língua de sinais apontam também para objetos, nos leva a crer que a língua de alguma forma precisa traduzir ou demonstrar no caso da língua de sinais o que queremos dizer. Como vimos na teoria de Russel, existem muitas palavras que não possuem referentes que existem, assim como nos gestos da língua de sinais. Nesse sentido poder-se-ia legitimar a necessidade dos sinais arbitrários, por não possuírem referentes visuais pré-concebidos.

O recurso de Russel de decompor uma sentença em três, também é utilizada para fazermos uso dos gestos, para a construção de uma proposição na linguagem de sinais que é visual, é preciso decompor os fatos a serem descritos de forma que todo o conteúdo do fato a ser narrado possa ser expresso em gesto. Por muita das vezes uma proposição oral não possui a mesma quantidade de sinais como quando a expressamos através da língua sinais.

O JOGO DE LINGUAGEM.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

A língua de sinais possui todos os componentes que possuem as línguas orais, uma estrutura formal, conteúdo semântico e uso. Sua aprendizagem, assim como a língua oral, requer prática.

O filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951), em sua obra *Investigações Filosóficas* (1945), traz a discussão sobre uma forma de aprendizado da linguagem que supõe uma espécie de nominalismo que vem da tradição filosófica anterior a sua e a qual ele mesmo estava inserido a época de sua primeira fase filosófica. Em sua obra *Tractatus*, da sua primeira fase filosófica, a questão do sentido dependia de nomes que representassem objetos (isomorfismo); nomes que formassem proposições e que assim viessem a descrever fatos possíveis. Essa concepção é marcadamente superada nas *Investigações Filosóficas* e nessa nova fase do pensamento do filósofo é o uso da linguagem que constitui o sentido; ou seja, o uso da linguagem enquanto prática social.

Ao sermos educados, somos adestrados para perguntar pelo nome das coisas, uma busca por um referente, de forma análoga a pregar etiqueta a alguma coisa, e damos nomes a objetos. Esse aprendizado, segundo Wittgenstein, é uma preparação para o uso das palavras (*Investigações Filosóficas*, §26). Palavras não servem só para designar objetos, porém uma vez designadas podemos fazer uso delas em discursos. Essa forma de sermos educados na linguagem, faz com que ao aprendermos uma outra língua como a de sinais busquemos também um referente para cada sinal ou gesto aprendido.

Pensar o aprendizado da linguagem dessa forma nominalista onde o nome substitui o objeto, é pensar que seja possível aprender todas as formas de linguagem através de um ensino ostensivo de palavras, de forma que pudéssemos dizer que um sinal, possui um único referente. Para a língua de sinais é como se pudéssemos dizer que cada gesto possui o seu equivalente na linguagem oral. Não que dessa forma não se



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 –

tenha uma comunicação efetiva, ela acontece, mas dessa maneira conseguimos dar conta apenas de um determinado emprego da linguagem, o que Wittgenstein chama nas investigações de uma “língua mais primitiva do que a nossa” (§2).

Essa identificação da aprendizagem nominalista, onde cada sinal necessita de um referente, no aprendizado da língua de sinais por falantes faz com que o aprendiz tenha a tendência a procurar a essência de um sinal como algo necessário para a todas as aplicações deste. O aprendiz falante da língua de sinais não se dá conta que procurar uma definição clara de cada sinal ignora o fato de que esse sinal não esgota em si todas as possibilidades quando gesticulado, o que esse gesto faz é provocar associações que farão com que esse gesto tenha um significado.

Não há uma essência referente de um sinal como uma entidade definida, mas o que se faz é usar os gestos o que também inclui usá-los em seus termos gerais, porém neles não se esgotam todas as possibilidades, significado não é a essência, o referente por detrás do gesto, significado é o uso que se faz dos signos em determinados jogos de linguagem. Aprendizes falantes da língua de sinais na maioria das vezes esperam um sinal que os professores da língua de sinais chamam de icônicos, ou seja, que o sinal feito com as mãos traga a “*lembrança*” visual do que está sendo representado através do sinal, mas não é só dessa forma que acontece, assim como não é só nomeando as coisas que aprendemos uma linguagem oral. Aprender linguagem dessa maneira não é se não, segundo Wittgenstein, um adestramento. “O ensino da linguagem não é aqui nenhuma explicação, mas sim um adestramento” (*Investigações Filosóficas* §5).

A esse adestramento, essa maneira primitiva de comunicação, Wittgenstein descreve como sendo um jogo de linguagem onde uma criança começa a fazer uso das palavras, nas *Investigações Filosóficas* (§7) essa formulação aparece: “...jogos por meios dos quais as crianças aprendem sua língua materna. ” Esses jogos de aprendizagem não possuem um seguir de regras ou uma interpretação delas.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

Dentre as importantes definições da nova concepção de linguagem encontradas nas Investigações Filosóficas estão as acepções do conceito de jogos de linguagem. Numa primeira acepção os jogos de linguagem são práticas sociais mais primitivas que abrangem a ideia de que são ações através quais as crianças aprendem a sua língua natal, que podemos dizer o mesmo quanto ao aprendizado da língua de sinais, assim como, a ideia de que são modelos simples que são construídos para o estudo da gramática de certas palavras e porque não dos gestos. Numa segunda acepção os jogos de linguagem são práticas sociais complexas nas quais técnicas diversas são usadas. Até mesmo antes da criança ter a capacidade de perguntar pela denominação de determinados objetos a criança já é inserida na linguagem e submetida a sistemas simples de comunicação. Para Wittgenstein, embora o jogo de linguagem primitivo seja simples, ele, no entanto, é completo.

Da mesma maneira que Wittgenstein nos chama a atenção que há diferentes níveis de aprendizado da linguagem oral, também na língua de sinais isso ocorre. Há na língua de sinais os que são icônicos, que possuem um referente visual, e também aqueles que são arbitrários, arbitrariedade esta que não é da ordem de uma tentativa de cristalizar uma ordem, de uma deliberação ou convenção, mas quer dizer que ela não é passível de uma justificação, elas são desprovidas de fundamento, porém é passível modificá-la já que a linguagem é pública e acessível a todas as comunidades linguísticas. A língua de sinais, assim como toda língua é viva e está em constante desenvolvimento com a criação de novos sinais que são introduzidos de acordo com a necessidade das mudanças sociais.

O uso dos sinais, assim como a palavra, é como uma ferramenta linguística, e não como uma etiqueta ou uma espécie de rótulo para substituir o objeto, eventualmente, tal procedimento até serve como comunicação de alguma coisa como



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

por exemplo o uso da datilologia para a descrição de nomes próprios, mas o uso dos sinais não se esgota nessa possibilidade.

Para Wittgenstein os jogos de linguagem são feitos por nós e para nós e as regras desses jogos de linguagem são determinados por fatores extralinguísticos onde o sistema simbólico é feito das condições a partir das quais produzimos linguagem.

O significado de palavras e de signos, segundo o filósofo, só podem ser verificados dentro de cada jogo de linguagem, isto é, tomando o significado como uso. Podemos dizer que o que dá o lastro para o uso dos signos como os usamos nos tais jogos, é a comunidade linguística que faz uso deles, ou seja, é ela que o legitima. As regras de uso destes signos não estão, no entanto, por detrás, para além daquilo que é dado como tipicamente busca a filosofia, mas está exposto diante dos nossos olhos.

A comunidade linguística que joga um determinado jogo de linguagem, não admite que não se respeite as normas, as regras desse jogo, sob pena de marginalização do participante que fez um lance não válido em um jogo determinado; ou de determinado lance ser ignorado nesse jogo de linguagem; ou o lance não causar efeito no jogo. É como em uma conversa entre dois falantes da língua de sinais onde um faz um gesto para se comunicar que o outro não identifica o tal sinal como um gesto comunicativo dentro da sua língua de sinais, ou seja, sem um efeito dentro daquela comunicação. Para tentar elucidar de forma mais clara, podemos exemplificar o uso do gesto que simboliza o sábado, que é o mesmo gesto que simboliza a fruta laranja, se o contexto da conversa entre os falantes da língua de sinais não se tratar de frutas e nem de dias da semana, o gesto não comunicará nada entre eles, será um lance fora da conversação (jogo de linguagem) que está acontecendo naquele instante. Nos jogos de linguagem há uma espécie de devir, os sinais ou as palavras para os falantes podem ser empregadas de formas diferentes, seu significado não é fixo, sempre se faz necessário observar o contexto. Os jogos de linguagem (cada conversação), nascem, outros



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

envelhecem ou são esquecidos, falar é uma parte de uma atividade, como nos diz Wittgenstein (*Investigações Filosóficas*, §23).

O caráter múltiplo dos, ressaltado no parágrafo anterior, jogos de linguagem, se realiza nas palavras (ou sinais), que “só adquirem significado no fluxo da vida; o signo, considerado separadamente de suas aplicações, parece morto, sendo no uso que ele ganha o seu sopro vital” (WITTGENSTEIN apud COSTA, 2002, p. 33). Todavia, salientamos que o conceito, jogos de linguagem, está contido na sua própria lógica, pois sugere ser definido a partir de determinados contextos, como nos mostra, Ludwig Wittgenstein, nos seguintes exemplos (*Investigações Filosóficas*, §23):

- Comandar, e agir segundo comandos –
- Descrever um objeto conforme a aparência ou conforme medidas –
- Produzir um objeto segundo uma descrição (desenho) –
- Relatar um acontecimento –
- Conjeturar sobre o acontecimento –
- Expor uma hipótese e prová-la –
- Apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas –
- Inventar uma história; ler –
- Representar teatro –
- Cantar uma cantiga de roda –
- Resolver enigmas –
- Fazer uma anedota; contar –
- Resolver um exemplo de cálculo aplicado –
- Traduzir de uma língua para outra –
- Pedir, agradecer, maldizer, saudar, orar.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

A peculiaridade do conceito, jogos de linguagem, wittgensteiniano suscita uma possibilidade interpretativa justamente através da sua implicação. Pois, segundo a lógica dos jogos de linguagem, o conceito não necessita ser delimitado precisamente ou ter um determinado sentido para realizar uma operação. Portanto, o conceito, na obra *Investigações Filosóficas*, realiza operações nas vagezas das regras dos jogos de linguagem, a partir de um caráter criador, que se constitui a cada jogo, componente da linguagem.

O caráter criador, do conceito wittgensteiniano, insinua um paralelo com os parâmetros da língua brasileira de sinais (Libras). Porquanto, os parâmetros (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação, e expressão facial e corporal) também constituem o caráter criador, do qual o conceito de Ludwig Wittgenstein é dotado. Por conseguinte, a cada intento de comunicação em Libras, o comunicador articulará os parâmetros para formar sinais.



Figura – Sinal casado em língua brasileira de sinais.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XueCjEciWug>



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

A partir da figura que representa o sinal casado em Libras, realizaremos uma análise da articulação, dos parâmetros, realizada pelo comunicador. Assim, o sinal foi conformado do seguinte modo: a configuração de mão utilizada foi a que geralmente forma a letra c, do alfabeto, da língua brasileira de sinais. O ponto de articulação consistiu no aperto das mãos. O movimento sucedido foi o da união das mãos. A orientação do sinal foi feita dentro da área adequada, ou seja, entre o quadril e a cabeça. A expressão corporal seguiu o movimento de união das mãos.

CONCLUSÃO

A filosofia analítica da linguagem buscou uma forma lógica por detrás das proposições, uma forma lógica a qual a linguagem ordinária pudesse ser reduzida, nessa tentativa a busca por sentido, referência e significado passou por formulações que cada vez mais afastaram a possibilidade de uma verdadeira compreensão de como fazemos realmente o uso da linguagem.

Por sermos educados a perguntar sempre pelo nome das coisas, criamos o hábito de buscar sempre o referente para os signos que nos são ensinados, no aprendizado de outras línguas, principalmente a de sinais que acontece no campo visual, faz com que o aprendiz busque sempre por sinais icônicos, ou seja, com um referente visual.

A filosofia de Wittgenstein esclarece que o aprendizado de uma linguagem ocorre em diversos níveis e a nomeação de objetos é só o mais simples e mais primitivo do que ele chamou de jogos de linguagem, jogos estes que determinaram a validade do uso de cada signo (sinal) dentro de cada contexto, classificando o significado como uso.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1
- 06 de julho 2017 –

REFERÊNCIAS

COSTA, Claudio. *Filosofia da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

UFF, Curso de Libras Online da. Aula 1: o mundo dos surdos. Disponível em: http://www.cead.uff.br/libras/pluginfile.php/6591/mod_resource/content/4/LIVROLIBRAS_aula1.pdf. Acesso em: 26 de junho de 2017.

FREGE, Gottlob. “Sobre o Sentido e a Referência”. *In: Lógica e Filosofia da Linguagem*. Seleção, tradução e notas de Paulo Alcoforado. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

PEDROZA, Clara Ramos. *Vocabulário de libras*. Mato Grosso do Sul: 2015.

PLATÃO. *Teeteto-Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém. Universidade Federal do Pará. 1988.

TECNOLOGIA, Incluir. *Sinal casado em língua brasileira de sinais*. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XueCjEciWug>. Acesso em: 7 de junho de 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução de José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.